

O Programa PIBID no Instituto de Artes da UNESP: Arte, esperança e resistência coletiva

Felipe Augusto Michelini da Silva
Cecília Rachel Loscheck de Sousa

Como citar: SILVA, Felipe Augusto Michelini da; SOUSA, Cecília Rachel Loscheck de. O Programa PIBID no Instituto de Artes da UNESP: Arte, esperança e resistência coletiva. *In:* MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima; BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. **Pibid e Residência Pedagógica/Unesp - forma(a)ção de professores:** em linguagens em tempos de pandemia. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p. 99-118. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-463-9.p99-118>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

O PROGRAMA PIBID NO INSTITUTO DE ARTES DA UNESP: ARTE, ESPERANÇA E RESISTÊNCIA COLETIVA

Felipe Augusto Michelini da SILVA¹

Cecilia Rachel Loscheck de SOUSA²

RESUMO: Este escrito é composto por relatos de experiências vividas por integrantes do Programa Pibid no Instituto de Artes da Unesp. Experimentamos criar aulas de artes remotas e híbridas para estudantes do Ensino Fundamental I e II da EMEF “José Maria Whitaker”, na cidade de São Paulo, enfrentando os desafios impostos pela pandemia ocasionada pelo coronavírus. Investigamos ferramentas para traçar relações artísticas e poéticas com estudantes da escola, concebendo aulas roteirizadas, gravadas e editadas por nós. Compartilharemos aqui as aulas criadas, os procedimentos vividos nas reuniões de formação e os encontros inventados coletivamente para seguir acreditando na educação pública enquanto espaço de troca, descoberta, artes e possibilidades.

PALAVRAS-CHAVE: arte/educação; formação docente; artes; escola pública; coletividade.

O INÍCIO DE UMA CAMINHADA EM TEMPOS DIFÍCEIS

Abordaremos, em nossa escrita, relatos de experiências vividas no Pibid do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), durante a execução do Edital nº 2/2020 da

¹ Mestrando em Artes no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, professor da rede pública municipal de São Paulo e professor supervisor do Pibid IA-Unesp/São Paulo/SP/Brasil/felipe.michelini@unesp.br

² Graduanda em Arte-teatro no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e participante bolsista do programa Pibid IA-Unesp/São Paulo/SP/Brasil/cecilia.rachel@unesp.br

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entre outubro de 2020 e março de 2022, na cidade de São Paulo.

O trabalho que atualmente realizamos no Programa é fruto de um caminho histórico iniciado por colegas que vieram antes de nós. O Pibid teve início no Instituto de Artes em 2010, coordenado pela Profa. Dra. Luiza Christov até 2013, abrangendo inicialmente apenas estudantes do curso de licenciatura em Educação Musical (Christov, 2016). De 2014 a 2016, passou a ser coordenado pela Profa. Dra. Eliane Bruno, quando houve a ampliação do número de bolsas e a extensão do projeto para as licenciaturas em Artes Visuais e Teatro (Bruno, 2015). Em 2017, a Profa. Dra. Rita Bredariolli assumiu a coordenação do projeto, permanecendo até os dias atuais.

Dentre as ações vividas nos 12 anos do Programa no Instituto de Artes (IA), destacamos: desenvolvimento de projetos durante as aulas de artes nas escolas; realização de oficinas artísticas para estudantes e comunidades; apresentações artísticas; parcerias com projetos de extensão; escrita e publicação de artigos.

Em 2020, após um corte significativo de bolsas, demos início aos nossos trabalhos contando com oito estudantes bolsistas e três estudantes voluntárias, número que posteriormente foi ampliado. Em 2022, o projeto chegou a ter oito estudantes voluntárias, demonstrando a importância do programa para as pessoas em formação, que escolheram participar mesmo sem a bolsa de estudos. Por diversas vezes, integrantes afirmaram o desejo de estar em um projeto que dialogasse com a escola pública dentro da universidade e que pudesse ensinar a pensar a educação, partindo de experiências práticas da realidade do ensino público. Ressaltamos aqui, com comprovada procura, a necessidade de ampliação do número de bolsas para o nosso Programa.

Desenvolvemos nosso projeto em parceria com a Escola Municipal de Ensino Fundamental “José Maria Whitaker”, localizada na região de São Mateus, na zona leste da cidade de São Paulo.

O início do Programa trouxe consigo muitos desafios. Estávamos em um ano em que a pandemia do Covid-19 se alastrou pelo Brasil.

Em outubro de 2020, ainda vivíamos sem perspectivas de melhora das condições sanitárias brasileiras, realizando aulas e encontros remotos, com o medo presente em nosso cotidiano. Como, então, promover um processo formativo para a docência em um momento em que sequer sabíamos como seguir ministrando as aulas da escola? Encontramos, no não saber, a nossa força. Experimentamos, juntas e juntos, novos formatos, novas conexões possíveis, mesmo que a distância, mesmo que mediados pelas telas dos computadores e celulares. E, assim, aquecemos de afeto nossos encontros, acreditando mais uma vez na beleza e na potência da educação coletiva em nossas formações.

Antes de adentrarmos nas experiências vividas nos dois anos do Programa, porém, gostaríamos de agradecer aqui a cada integrante que, à sua maneira, construiu um espaço de arte e educação que tornou possível nossa esperança e resistência coletiva. Integraram nosso Pibid: Luiza Kehdi, Naomi Lustosa, Jenis Bacelar, Leticia de Souza Alves, Amanda Rocha, Cecília Raquel, Caique Silva, Lucas Ramos, André Fabiano de Macedo, Renato Barbosa, Carolina Rodrigues Gomes, Mateus Caetano, Camila Cortellini Ferreira, Fernanda Keico O. Sugiyama, Domingos José, Kelly Sumadossi e Isabela Hummel. Em um caminhar conjunto, demos início a nossa travessia, de braços dados, passo a passo, no longo caminho que iniciamos em meados da primavera de 2020.

2020: UM ANO DE INCERTEZAS E A FORÇA DO COLETIVO OU “QUANDO A GENTE NÃO SABE, A GENTE INVENTA!”

A pandemia que se alastrou pelo Brasil em 2020, permanecendo até os dias atuais, desestabilizou nossas certezas e práticas pedagógicas, que estavam pautadas no encontro físico entre estudantes e docentes. Sem saber muito bem como seguir com as aulas de forma remota, iniciamos um processo de experimentação de criação de vídeos e atividades que pudessem, de alguma forma, nos conectar com as estudantes da EMEF “José Maria Whitaker”.

Em março daquele ano, as escolas públicas paulistanas fecharam suas portas para as aulas presenciais, dando início às aulas online. Professoras e professores passaram a ministrar aulas síncronas e assíncronas na plataforma *Google Classroom*, com postagens semanais de atividades por todo o ano.

Na escola onde atuamos, assim como em tantas outras da cidade de São Paulo, as aulas online alargaram os abismos sociais e escancararam as diferenças de condições entre estudantes. Muitos e muitas não possuíam aparelhos tecnológicos adequados para o acesso às aulas, tampouco internet ou condições de estudos em suas casas. Acompanhando turmas de 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, percebemos que, de 30 estudantes em cada turma, uma média de seis deles, por turma, acessaram as aulas durante o ano.

Dentro dessas condições adversas, iniciamos nosso trabalho em outubro de 2020. Destacamos que o fato de o programa ter começado as atividades apenas em outubro foi prejudicial ao seu desenvolvimento, pois as participantes do projeto não puderam planejar,

acompanhar e desenvolver as aulas desde o início do ano letivo. Ainda assim, apesar do grande atraso, encontramos juntas e juntos possibilidades de criação de aulas de arte e formas de relação com os estudantes da escola. Afinal, como nos diz o poeta João Cabral de Melo Neto, lançando nossos gritos coletivamente, conseguimos tecer uma nova manhã.

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito de um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos. (MELO NETO, 2008, p. 219).

Assim, traçamos um plano de ação para os tempos virtuais. Naquele ano, ministramos aulas de artes para nove turmas do Ensino Fundamental I. Resolvemos propor a divisão de integrantes do projeto em três grupos. Cada grupo seria responsável pelo acompanhamento e elaboração de aulas

para um ano da escola, entre os 3º, 4º e 5º anos. Cada grupo se reunia uma vez por semana e, às quartas-feiras, tínhamos as reuniões coletivas para trocar as ideias propostas e tecer os encaminhamentos do projeto.

Dando continuidade ao trabalho realizado na escola desde março, e levando em consideração que muitas crianças ainda não eram alfabetizadas, resolvemos produzir vídeos lúdicos com atividades nas quais pudessem vivenciar experiências artísticas em suas próprias casas. Tivemos, portanto, o desafio de roteirizar, gravar e editar os vídeos. Aprendemos essas tarefas, mais uma vez, coletivamente. Em bando, pudemos enfrentar as dificuldades da pandemia e inventar maneiras para ministrar aulas no formato exigido pelas condições daquele momento.

Pensamos aulas virtuais que funcionassem como pequenas oficinas, com começo, meio e fim em cada uma delas, buscando agir com os seguintes objetivos:

1. Possibilitar que as aulas de artes fossem um momento lúdico na semana da criança, onde pudessem se expressar e trabalhar suas sensibilidades, proporcionando momentos de autocuidado e poesia durante o período de distanciamento social.
2. Ampliar as referências das crianças por meio de vídeos e imagens, promovendo o acesso e a fruição de obras de arte e artistas.
3. Compartilhar atividades que estimulassem as crianças a criarem suas próprias obras de arte com os materiais que tivessem ao seu redor, aprofundando os conteúdos estudados de forma prática, abordando as diferentes linguagens artísticas e priorizando as suas poéticas pessoais.

Além desses objetivos, lançamos outras provocações para o nosso coletivo: o que queremos trabalhar com essas crianças, que vivem nesse contexto social? Como ser educador- artista/educadora-artista e encontrar nas aulas um espaço de criação e experimentação em comunhão com as crianças, mesmo que virtualmente?

Logo os grupos se organizaram e tivemos como resultado desse processo a criação de videoaulas com temáticas como: construção de instrumentos musicais com objetos do cotidiano³; criação de sequências fotográficas priorizando a visão das crianças sobre seu contexto de isolamento social⁴; criação de obras de arte inspiradas pela artista Maria Auxiliadora⁵; dobraduras e origamis⁶; desenhos sinestésicos e trabalho com os sentidos do corpo humano⁷; construção de brinquedos e personagens com materiais recicláveis; escrita de cartas para trocarem com a turma⁸.

Além das aulas gravadas, realizamos algumas poucas aulas ao vivo, em videochamadas com as turmas, nas quais integrantes do projeto puderam conhecer e trocar experiências com estudantes da escola. Também pudemos aprofundar essa relação por mensagens na plataforma *Google Classroom*, respondendo aos envios das tarefas realizadas. Cabe ressaltar que as respostas dos alunos, apesar de muito escassas, em se considerando o número total de cada sala, fortaleciam o sentido das atividades que propusemos.

Paralelamente ao trabalho que desenvolvemos na escola, promovemos encontros virtuais com o Programa Residência Pedagógica (PRP) do Instituto de Artes, compartilhando encontros formativos com temáticas sugeridas por integrantes de ambos os programas. Optamos por fazer formações sobre educação de pessoas com deficiência, pois as estudantes a trouxeram como uma pauta urgente que não era aprofundada em seus estudos na universidade. Realizamos cinco encontros formativos com convidadas e convidados que nos trouxeram relatos, experiências e ferramentas para lutar contra uma educação capacitista. Tivemos conversas sobre estudantes com deficiência nas escolas e, principalmente, sobre como não reproduzir atitudes preconceituosas em nossas aulas, aprendendo a lutar por uma educação que priorize a diversidade e a acessibilidade. Recebemos as convidadas Andressa da Silva, Desirê Casale, Amanda Soares, Ana

³ HUMMEL *et al.*, 2020a; RAQUEL, 2020; HUMMEL, 2020; ROCHA, 2020.

⁴ JOSÉ *et al.*, 2020a.

⁵ ALVES *et al.*, 2020c.

⁶ HUMMEL *et al.*, 2020b.

⁷ ALVES *et al.*, 2020b; ALVES *et al.*, 2020a.

⁸ JOSÉ *et al.*, 2020b.

Amália Barbosa e Jefferson Ferreira dos Santos, que compartilharam saberes para a construção de uma educação anticapacitista.

2021

ATOS POÉTICOS PARA SALVAR O MUNDO: EXPERIMENTAR, CRIAR, RESISTIR

Movimento em marcha permanente
Fazendo revolução a cada ação formação organização
Acampamento na beira da estrada ou no coração da
cidade Em cada rua escola arena praça ocupada
Por um ideal uma festa uma proposta de
amor Em levante jovens | cada vez mais
jovens Sem saber do possível
Fazem fazendo, sabem
sabendo Uma nova alvorada
Sem capital colonial patriarcal sistema
Uma terra onde a vida tem valor
absoluto (ALLI, 2016, p. 17).

O ano de 2021 começou ainda mais incerto do que o anterior. Depois de meses adiando o início das aulas da rede municipal de educação, a prefeitura anunciou sua volta presencial em fevereiro, com um esquema de revezamento entre estudantes. Nesse período, a vacinação na cidade de São Paulo não havia atingido a maior parte da população adulta, não contemplava professoras e professores, e muito menos havia uma campanha destinada a crianças e adolescentes. Contra essa retomada presencial, docentes da prefeitura de São Paulo, junto aos sindicatos, decretaram greve sanitária em defesa da vida e da saúde pública de funcionárias, estudantes e familiares. Nós apoiamos o movimento de luta de trabalhadores e trabalhadoras da educação, e mantivemos nossas reuniões semanais para organização das ações nesse período de greve.

Diante do cenário de ausência de aulas com estudantes, o Pibid viveu uma fase em que pudemos aprofundar nossas relações, debater, pensar propostas e praticá-las entre nós.

Compartilharemos agora, três procedimentos inventados durante as reuniões, coletivamente, para sobreviver. Invençioneiros que alimentaram nossos processos de formação enquanto arte-educadoras e arte-educadores em meio ao momento tenso de pandemia que vivíamos. Criações para lutar, uma vez mais, como nos inspira Paulo Freire (2020, p. 70), com alegria e esperança.

RODA VIVA

Um dia estávamos em uma reunião online de formação e a professora Rita contou-nos uma história sobre sua família. Compartilhou uma memória com a turma. Então a turma começou a fazer outras perguntas à professora: como foi quando você decidiu ser artista? Onde começou a dar aulas? Como se sentia?

Logo estávamos mergulhadas nas histórias e trajetórias de Rita, e nos lembramos do programa Roda Viva – um programa de entrevistas criado pela TV Cultura, onde as pessoas entrevistadas sentam-se no centro de uma roda para responder a perguntas feitas por jornalistas. Foi quando alguém da turma sugeriu: “Vamos fazer nosso próprio Roda Viva!”.

Decidimos que, a cada encontro de formação do Programa, sortearíamos uma pessoa do grupo e poderíamos fazer diversas perguntas a essa pessoa. Assim, conheceríamos mais umas às outras, estreitando nossos laços afetivos e fortalecendo nosso coletivo.

A cada encontro, diferentes perguntas foram feitas, investigando maneiras de convidar a outra pessoa a partilhar suas trajetórias, memórias e desejos, tais como: por que você resolveu ser professora? Qual é seu sonho? Você poderia contar uma história de aventura que viveu? O que gosta de fazer nas horas vagas? Por que você decidiu ser artista? Qual a sua comida favorita? Prefere frio ou calor?

A ação poética de entrevistar, fazer perguntas, ouvir histórias e pensamentos, demonstrou-se uma das pérolas de nosso trabalho. Ao elaborar perguntas para integrantes do grupo, trabalhamos com a valorização das histórias de vida e com o compartilhamento de trajetórias que cada pessoa carrega consigo. Assim, estimulamos também em sala de aula que a turma em formação se interessasse pelos diferentes universos e personalidades de cada estudante.

PLANTAÇÃO DE SONHOS

Propusemos, enquanto as condições para as aulas presenciais não se concretizavam, que integrantes do programa fizessem um exercício de imaginação. Deveriam pensar sobre qual projeto gostariam de desenvolver com estudantes da escola, levando em consideração os contextos e as inquietações artísticas sobre o momento que estávamos vivendo.

Aos poucos, a turma criou propostas de trabalho repletas de belezas e potencialidades. Foi quando a integrante Isabela Hummel nos revelou o nome que inventou para seu projeto de aula: Plantação de Sonhos. Imediatamente ficamos encantados. Plantar sonhos com as crianças e jovens nos parecia algo muito valioso em meio ao contexto de precariedade e medo que estávamos vivendo.

Eis que a professora Rita, comovida pela proposta, a transformou em uma criação coletiva. Sugeriu que desenvolvêssemos planos de aula e sequências didáticas que contemplassem os nossos sonhos de educação naquele momento. Demos início à nossa “plantação de sonhos”.

As sequências partiram de perguntas disparadoras como: o que é uma aula? O que é uma sequência didática? Com quem será partilhada? Em qual contexto? Como as ideias que tivemos em grupo reelaboram os sonhos individuais de aula?

As estudantes apresentaram sequências didáticas como: contações de histórias pessoais, trabalhos com *slam* de poesia, criações artísticas baseadas

nas referências dos bairros das crianças e jovens, musicalidades, danças brasileiras e jogos de tabuleiro.

Nossa plantação foi transformada em um livreto produzido pelas integrantes Naomi Lustosa e Jenis Bacelar. Culminou também em nossa participação no Congresso Regional InSEA América Latina – Cusco 2021, com a publicação do artigo “Plantação de Sonhos: uma prática poética para formação docente” (Bacelar; Lustosa, 2021).

OFICINAS ARTÍSTICAS

Por uma vontade coletiva, passamos a exercitar a docência não apenas na escola, mas também em nossas reuniões. Dividimo-nos em grupos e, a cada encontro, vivemos uma proposta prática de atividade artística conduzida virtualmente pelas próprias participantes do Pibid. Ao final, comentávamos sobre as atividades propostas e a forma de condução da aula, o que nos permitia aprimorar e refletir sobre a docência de cada uma e cada um. Vivemos a criação artística buscando a integralidade entre ser artista e ser professora/professor.

Os grupos partiram de suas plantações de sonhos e vontades de experimentação. Embasaram-se em seus repertórios, referências teóricas e práticas para ministrarem as seguintes oficinas:

- **Desenho Sinestésico:** com o objetivo de explorar a relação entre os cinco sentidos do corpo humano, asicineiras propuseram que criássemos desenhos livres, com materiais diversos, que iam de lápis de cor a esmalte, a partir de estímulos auditivos encontrados em sonoridades feitas pelas integrantes do grupo. Em outra etapa do processo, pediram que desenhássemos uma pedra, ou seja, um objeto conhecido por todos. Ao final, o grupo contemplou e comentou os desenhos, valorizando a criação de diversos resultados a partir dos mesmos estímulos.
- **Poesia e Slam:** *slams* são competições ou batalhas de poesia que valorizam a cultura da periferia. Nesta oficina, pudemos conhecer

sobre as estruturas e objetivos de um *slam*, a partir de recursos audiovisuais. Posteriormente, com as referências já estabelecidas, vivemos um processo de criação de uma poesia. Tivemos um curto período de tempo para escrever nossos poemas, estimuladas pelo grupo a passar para o papel as palavras que estivessem mais potentes em nossos corpos, sem julgamentos e amarras. Ao final da atividade, compartilhamos nossos escritos poéticos.

- **Arte e Memória:** com uma duração de dois encontros, a proposta desta oficina foi feita inicialmente em duplas, que contaram a seus pares uma história de sua vida pessoal que tivesse grande importância e significado em sua trajetória. A segunda etapa consistiu em trazer, no próximo encontro, uma obra autoral construída a partir da história contada pelo outro, podendo utilizar qualquer linguagem artística. Nesse segundo momento, todas as obras foram apresentadas ao resto do grupo, resultando em uma exposição poética de memórias vivas (Michellini; Rocha, 2021).
- **Música:** estimulando o uso do sentido da audição e o conhecimento de diferentes instrumentos musicais, a partir da ludicidade do bingo, esta oficina desafiou os participantes a tentarem descobrir quais eram os instrumentos, pelos sons que eles produziam. Após a dedução, os pontos iam sendo acumulados na cartela do jogo até que um ganhador ou ganhadora se revelasse.
- **Teatro:** nesta oficina, experimentamos jogos teatrais e de improvisação para que o coletivo pudesse conhecer mais sobre o universo e as potencialidades do teatro nas aulas de artes. Foi um momento importante em que estudantes de teatro puderam experimentar jogos de maneira online e testar suas possibilidades. Este processo originou a oficina “É possível fazer teatro online? Jogos teatrais e contação de histórias no universo virtual”, realizada no II Congresso Internacional Online entre Arte, Cultura e Educação: reconexões da abordagem triangular

no ensino das artes, promovido pela Universidade Federal de Goiás.

- **Arte, Cultura Pop e Representatividade:** com a intenção de inserir na academia referências da cultura pop, esta oficina apresentou, por meio de recursos audiovisuais e bibliográficos, artistas e obras que não são frequentemente tomados como objeto de estudo no meio acadêmico, mas que o poderiam ser, uma vez que são elementos da cultura popular e de extrema importância representativa na sociedade. Ampliou também as possibilidades de trabalho na escola, estimulando que partíssemos do universo popular de estudantes para trazer questões de arte e educação.
- **Bagagem de Mão:** com o objetivo de investigar os sentidos através de correlações sinestésicas, partindo das cores, do espaço e das memórias, esta oficina propôs atividades de imersão em espaços imaginários e relacionados com as lembranças de cada participante, trabalhando também com a escrita e o desenho de uma carta de você no futuro para você no presente. Ao final da oficina, compartilhamos nossas criações.

Essas oficinas, assim como outras ocorridas ao longo do Programa, nos permitiram criar experimentos em que investigássemos nossa docência em práticas coletivas, aperfeiçoando nossa formação profissional, entendendo que a experiência de ser professora ou professor não tem fórmulas, mas se faz na experimentação do caminhar.

COLOCANDO OS SONHOS EM PRÁTICA

Ainda em 2021, após todo o processo de pesquisa, investigação, escuta e aprendizado descrito anteriormente, a greve de professoras e professores da prefeitura de São Paulo chegou ao fim, com a conquista da primeira dose da vacina para todas as funcionárias e funcionários da educação pública.

Iniciamos, então, a execução de nossas aulas anteriormente sonhadas. A prefeitura de São Paulo ainda permanecia, naquele momento, com aulas híbridas. Decidimos que as aulas presenciais seriam ministradas exclusivamente pelo professor supervisor e as aulas online seriam produzidas pelas outras integrantes do projeto. Novamente, o coletivo dividiu-se em subgrupos, responsáveis por preparar as aulas descritas a seguir.

Aulas de Módulo: o grupo concebeu e executou aulas de curta duração no formato de oficinas artísticas, com começo, meio e fim. Essas aulas foram realizadas nos momentos em que o professor supervisor entrava como substituto nas turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I. Foram aulas sobre percussão corporal, pintura com objetos compridos encontrados pela escola, desenho sinestésico e oficinas de movimento.

1º anos: o grupo criou sequências didáticas específicas para crianças de sete anos, a partir de temas centrais como sinestesia, confecções e trabalhos com o corpo, paisagem sonora, construção de instrumentos musicais com materiais recicláveis, brinquedos, origamis, dobraduras e contação de histórias. As aulas buscavam incentivar criatividade, coordenação motora, exploração e investigação do espaço escolar e do espaço da casa das crianças.

7º anos: esse grupo foi dividido em dois subgrupos. Sugerimos que cada turma do 7º ano (A, B, C e D) escolhesse o projeto que gostaria de desenvolver. O primeiro grupo propôs a construção de um livro-diário, com o objetivo de proporcionar uma vivência entre múltiplas linguagens artísticas que provocasse a reflexão e a ação a partir do autoconhecimento, da memória, do registro e da poesia visual. Já o segundo resgatou o trabalho realizado nas oficinas que fizemos e propôs aulas sobre *slam* de poesia, partindo de referências artísticas musicais, poéticas e decoloniais que estivessem presentes no cotidiano e realidade das estudantes.

Além das aulas, tivemos também novos encontros com a turma do programa Residência Pedagógica para trocar as experiências e trabalhos que realizamos naquele ano. Nós criamos e apresentamos um vídeo que resumiu brevemente o que havíamos construído com as estudantes da escola até então. Compartilhamos também a oficina “Arte, Cultura Pop e Representatividade”. Em um segundo encontro, a turma do programa

Residência Pedagógica nos propôs uma oficina, partindo do movimento de rebolar, que reavivasse os corpos de cada participante e suas relações com o quadril, tão esquecidos no automatismo cotidiano. As conexões foram intensas e necessárias para que esses dois coletivos conhecessem diferentes maneiras de se trabalhar conjuntamente e trocar experiências entre si, complementando sua jornada de formação.

2022: O PIBID EM NOSSA FORMAÇÃO

O ano de 2022 foi dedicado à reflexão e ao encerramento dos trabalhos vividos tão intensamente nos anos anteriores. Nesses tempos de pandemia, o Pibid foi, acima de tudo, um espaço de cuidado, conhecimento e fortalecimento – aspectos que foram essenciais para que o programa permanecesse vivo e conseguisse potencializar nos participantes o trabalho individual e coletivo necessários à prática docente.

Não chegamos, aqui, ao fim. Este escrito seguirá ainda em muitos outros, tendo em vista que nosso caminho para uma educação transformadora está apenas começando. Trazemos, como amarração desse ciclo, trechos de depoimentos de integrantes do programa, presentes nos relatórios finais. Esses escritos refletem a importância do Pibid/IA – Unesp no processo de formação de docentes que se comprometem com a construção da educação pública, acreditando mais uma vez no espaço público como um espaço de encontro, descoberta, transgressões, artes e possibilidades.

AMANDA SILVA DA ROCHA

O Pibid sempre me proporciona momentos lindos como arte-educadora, e cada experiência que tive nesse espaço mudou a forma como vejo a escola e a educação na minha vida. O afeto e o respeito sempre estiveram muito presentes nos nossos encontros, e essa dinâmica fez com que eu me sentisse confortável de uma forma como nunca fui capaz de me sentir na universidade, motivando-me a continuar.

CECÍLIA RACHEL

As reuniões gerais do Pibid, com todos os integrantes do programa, foram um grande alicerce no planejamento dessas aulas, porque sempre conversávamos sobre a situação na sala de aula e quais poderiam ser nossos próximos passos. Além disso, essas reuniões eram sempre um momento de sinceridade, diversão e, principalmente, de acolhimento, o que é muito necessário no meio da educação, ainda mais nestes anos turbulentos de pandemia e sucateamento da profissão do arte-educador. Por fim, este é um relato de afeto e agradecimento ao estágio que o Pibid me proporcionou.

DOMINGOS JOSÉ

Faz sete anos que terminei o ensino regular, fazia sete anos que não entrava novamente numa escola e o simples fato de estar lá me fez lembrar de como eu era no Ensino Fundamental e Médio. Fez eu relembrar que, para além da sala de aula, a escola é muito mais: é todas as trabalhadoras e trabalhadores do local, desde as responsáveis pela limpeza e alimentação até a coordenação e a direção. O ambiente escolar não é composto apenas por docentes e discentes. E as/os estudantes não vão (e nem devem ir) à escola apenas para participar das aulas. A escola é um espaço muito maior do que só a sala de aula. Eu, como professor, espero nunca me esquecer disso.

LETICIA DE SOUZA ALVES

A minha relação afetiva com o Pibid se estabelece quando encontro nestas chamadas online – que normalmente são tão frias e com tanta falta de afeto – um lugar de acalento, um lugar no qual eu posso me abrir, questionar, aprender e ter empatia, muita empatia, pelos processos de cada um que ali estão. Quando nos organizamos de forma online e em grupo, é necessário aprender a ceder, a escutar, a falar – tudo isso com muito amor, pois foram períodos muito difíceis, e ainda são! Acredito que todo mundo

esteja carente de um carinho, seja ele presencial ou virtual, e o Pibid, nestes últimos tempos, foi esse lugar!

LUCAS RAMOS

Para nós, futuros professores, a experiência foi e é muito importante em termos de formação, porque a prática docente em sala de aula com os professores e alunos só enriquece o nosso currículo, e as práticas teóricas das carreiras de formação o complementam. Com a prática que o Pibid proporcionou pudemos ver, de fato, a grande realidade do ensino público do Brasil.

CAROLINA RODRIGUES

O Pibid foi um espaço de extrema importância para a minha formação enquanto docente e também para a minha saúde emocional durante estes dois anos de pandemia. Logo após entrar na Unesp e ter a triste notícia de que teríamos aulas online por conta da Covid-19, a distância entre a faculdade, os professores e os alunos aumentou drasticamente. Porém, nossas reuniões às quartas-feiras foram um espaço onde pudemos conversar e formar uma rede de apoio tanto para as aulas quanto para questões pessoais.

JENNIFER BACELAR

Fazendo este estágio, tive a oportunidade de conhecer mais sobre a rede de ensino, participar de um ambiente de trocas de aprendizado, e constantemente driblar entre os papéis de educadora e estudante. Certamente foi muito gratificante e enriquecedor todo o trabalho realizado durante esse trajeto de aprendizagem, contribuindo com uma política de afetividade cada vez mais crescente na educação.

NAOMI LUSTOSA

O Pibid, no Instituto de Artes, é um espaço que proporciona uma troca entre educadores de diferentes áreas e esse movimento fomenta um universo repleto de sonhos e desejos de criar um futuro mais justo, acolhedor e, principalmente, diverso. A possibilidade de criarmos aulas e oficinas, tanto individualmente como em conjunto, coloca-nos à frente de uma situação prática que, para quem estuda licenciatura, é fundamental.

MATEUS CAETANO

Acompanhar as atividades com os alunos do 3º ano foi uma experiência potente, pois estávamos trabalhando temas que muitos educadores optam por ignorar devido à faixa etária da turma, mas que nós, como educadores em formação, achávamos importantes de serem trabalhados e discutidos entre nós. Apesar da baixa adesão de estudantes, que tínhamos naquele momento, foi um processo muito especial para mim em minha primeira experiência com crianças, pois no Pibid vi um lugar em que podíamos dividir nossas dúvidas e angústias, sempre levando o projeto para finalizar da melhor forma possível – e assim foi finalizado naquele ano (2020).

FELIPE MICHELINI

Com o Pibid, eu descobri que adoro trabalhar com formação docente. Amo ver jovens empolgadas e empolgados para dar aulas, encontrar estudantes, transformar a escola. Poder aconselhar, trocar experiências e me empolgar junto me faz acreditar e sonhar a construção de novos mundos. Este projeto traz sentido à minha caminhada como educador. Assim seguimos vivas e vivos, na escola pública, em luta e com alegria.

RITA BREDARIOLLI

O Pibid e o Residência Pedagógica são programas fundamentais à formação docente. Devem ser mantidos e ampliados. Podemos dizer que se trata de divisores de águas no processo de formação docente. Para todas as pessoas implicadas nestes programas, incluindo nós, docentes de uma Instituição de Ensino Superior dedicada à formação de profissionais docentes. Ninguém passa incólume por estas experiências de formação que são, no meu entendimento, revolucionárias quanto à nossa forma de nos relacionar com a Educação Básica e a condição de ser docente. O interesse dos discentes em participarem deste Programa é prova de sua necessidade, bem como de suas consequências nos processos de formação. É notória a diferença formativa proporcionada por esses programas. Evocando John Dewey, trata-se de uma efetiva experiência de formação e, por isso, necessária!

REFERÊNCIAS

- ALLI, L. Nós por nós. *Vaidapé*, São Paulo, v. 6, p. 16-17, 2016.
- ALVES, L. et al. Aula 26 - 3º ano - Explicação da atividade. YouTube, 10 nov. 2020a. 1 vídeo (15 min). Publicado no canal FELIPE AUGUSTO MICHELINI DA SILVA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hLOqpCxqnE8>. Acesso em: 29 abr. 2022.
- ALVES, L. et al. Aula 26 - 3º ano - Os 5 sentidos. YouTube, 10 nov. 2020b. 1 vídeo (15 min). Publicado no canal FELIPE AUGUSTO MICHELINI DA SILVA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hLOqpCxqnE8>. Acesso em: 29 abr. 2022.
- ALVES, L. et al. Aula 27 - 3º ano - Maria Auxiliadora. YouTube, 25 nov. 2020c. 1 vídeo (10:11 min). Publicado no canal FELIPE AUGUSTO MICHELINI DA SILVA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wVutpQyB7iI>. Acesso em: 29 abr. 2022.
- BREDARIOLLI, R. (coord.). *Plantação de Sonhos*. São Paulo: PIBID Instituto de Artes UNESP, 2021. Disponível em: <https://read.bookcreator.com/2tfo2Mb4wYcUgvpIuz6R9moib512/wyCYBmy-SIW0A416cSIIIA>. Acesso em: 29 abr. 2022.

BRUNO, E. B. G. O PIBID do Instituto de Artes da UNESP: espaço de conexões. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS*, 24, 2015, Santa Maria. *Anais [...]*. Santa Maria: UFSM; UFRGS, 2015. p. 2806-2821.

CHRISTOV, L. Educação musical no espaço escolar e os saberes da docência. *In: MENDONÇA, S. G. L.; FERNANDES, M. J. S. (org). PIBID/UNESP: memórias e trajetórias no campo de formação de professores*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Universidade Estadual Paulista, 2016.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HUMMEL, I. Aula 26 - Como fazer um tambor. YouTube, 9 nov. 2020. 1 vídeo (4:11 min). Publicado no canal FELIPE AUGUSTO MICHELINI DA SILVA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ynXP0kJEo80>. Acesso em: 29 abr. 2022.

HUMMEL, I. et al. Aula 26 - 4º ano - Construindo instrumentos musicais. YouTube, 09 nov. 2020a. 1 vídeo (9:82 min). Publicado no canal FELIPE AUGUSTO MICHELINI DA SILVA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eTsLcJ70SIY7>. Acesso em: 29 abr. 2022.

HUMMEL, I. et al. Aula 27 - 4ºs anos - Composição com origami. YouTube, 24 nov. 2020b. 1 vídeo (12:02 min). Publicado no canal FELIPE AUGUSTO MICHELINI DA SILVA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l0VZysVXDKI>. Acesso em: 29 abr. 2022.

JOSÉ, D. et al. Aula 26 – 5º ano – Fotografia. YouTube, 10 nov. 2020a. 1 vídeo (15:42 min). Publicado no canal FELIPE AUGUSTO MICHELINI DA SILVA. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=389AWMnr4_Q. Acesso em: 29 abr. 2022.

JOSÉ, D. et al. Aula 27 – 5 anos – Escrevendo uma carta para sua turma. YouTube, 24 nov. 2020b. 1 vídeo (17:58 min). Publicado no canal FELIPE AUGUSTO MICHELINI DA SILVA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=phN1J8-OeKs>. Acesso em: 29 abr. 2022.

MELO NETO, J. C. *A educação pela pedra e outros poemas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MICHELINI, F.; ROCHA, A. *Parede das memórias*. 2021. Disponível em: <https://padlet.com/amandasrocha/rbbuyd6ng5pm87v>. Acesso em 29 abr. 2022.

RAQUEL, C. Aula 26 – Como fazer um chocalho. YouTube, 9 nov. 2020. 1 vídeo (2:51 min). Publicado no canal FELIPE AUGUSTO MICHELINI DA SILVA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oG1NtmjO0zc>. Acesso em: 29 abr. 2022.

ROCHA, A. Aula 26 – Como fazer uma castanhola. YouTube, 09 nov. 2020. 1 vídeo (5:52 min). Publicado no canal FELIPE AUGUSTO MICHELINI DA SILVA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lag6pwyEnkA>. Acesso em: 29 abr. 2022.

